



IV JORNADA DE
PESQUISA EM
PSICOLOGIA
DESAFIOS ATUAIS NAS
PRÁTICAS DA PSICOLOGIA

25 e 26 de novembro de 2011
UNISC - Santa Cruz do Sul

A AUTORIDADE DOS PAIS NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS

*Tatiana Ertel
Dulce Grasel Zacharias
Universidade de Santa Cruz do Sul*

Resumo

Este trabalho tem como objetivo investigar as dificuldades dos pais de exercerem sua autoridade em relação aos filhos. A escolha por este tema foi a partir da análise de três casos de atendimento em psicoterapia durante o primeiro semestre (2011/1) de Estágio Integrado em Psicologia III no Serviço Integrado de Saúde – SIS. Os resultados incluem a responsabilização da mãe na função de educar os filhos, bem como o sentimento dos pais de identificação com os mesmos, em que se sentem tão próximos dos filhos que não conseguem diferenciar os próprios sentimentos dos deles, e, ainda, um sentimento de culpa que permeia de forma muito forte e direta as relações pais e filhos. A falta ou ausência de autoridade gera sofrimento, ao mesmo tempo em que as pessoas não sabem como lidar com isto. Essa dificuldade reflete em sentimentos de culpa, atitudes de submissão, relações horizontais entre pais e filhos.

Palavras-chave: Limites. Família. Educação.

Introdução

O presente trabalho enfatiza as atitudes dos pais no sentido de marcarem a sua posição hierárquica em relação aos filhos. A família é muito importante por ser unidade em que os filhos são educados. É o lugar onde os pais exercem sua função: maternidade e paternidade. Cada família é única e possui complexidade própria, e nenhuma família está livre dos desafios da criação dos filhos, desafios que são diferentes de uma família para a outra. Para Gundelach (1991) *apud* Biasoli-Alves (2001), a família moderna, contemporânea, tornou-se mais frágil e com um tamanho reduzido, se comparada à de 25 anos atrás. O autor generaliza ao dizer que todas as sociedades européias conheceram uma profunda transformação dos valores sociais em que os libertários substituíram os autoritários, e que

nas famílias, na escola e no trabalho as pessoas estão menos dispostas a aceitar a autoridade. A hierarquia familiar na pós-modernidade está se delineando de forma bem diferente da que era legitimada na modernidade. Meynckens-Fourez (2000), *apud* Macedo (2008), fala das relações vertical e horizontal implicadas nas relações familiares. Segundo essa autora, a relação horizontal é representada pelas relações inter-humanas e pessoais, já as relações verticais trazem algo do simbólico, dos níveis social e institucional. No entanto, na contemporaneidade, as famílias têm tendências igualitárias e suas relações se dão no nível horizontal, o que as impede de exercer o poder, e as leva a confundir-lo com abuso e, assim, evitar colocar limites nas crianças e nos adolescentes. Este trabalho tem como objetivo investigar as dificuldades dos pais de exercerem sua autoridade em relação aos filhos.

Métodos

A escolha por este tema foi a partir da análise de três casos de atendimento em psicoterapia durante o primeiro semestre (2011/1) de Estágio Integrado em Psicologia III no Serviço Integrado de Saúde – SIS.

Resultados

Rosa* busca atendimento individual, queixa-se de muita ansiedade e impaciência com as filhas, com as quais mora atualmente. O pai foi violento na sua criação e bastante autoritário. Rosa possui um quadro grave de ansiedade e é submissa frente a atitudes da filha mais velha. Durante os atendimentos, se queixa da filha mais velha, mas demonstra também não conseguir se separar dela, projetando na mesma muitos sentimentos. Permite que a filha assuma papel maternal e inclusive maltrate as irmãs menores. O atendimento de Bia* é individual e procurado através da mãe, a qual relata que a filha se mostra agressiva com a família e com os amigos. Bia mora com seus pais e possui um irmão adotivo. Os pais diferem na forma de educar os filhos no que diz respeito a estabelecer limites, a mãe diz que o pai não ajuda a impô-los. Através dos atendimentos, constata-se que Bia fica confusa entre o que pode e o que não pode. O pai parece assumir um papel de provedor e trabalhador, devido ao trabalho não tem muito envolvimento com a educação dos filhos. A mãe dá conta de tudo em casa e principalmente das demandas da filha. Pedro* vem para o atendimento de família, junto de seus pais e irmã, onde a mãe busca atendimento relatando que o filho

não aceita regras e não quer ser contrariado, é agressivo, nada o satisfaz, ao mesmo tempo, não possui dificuldades na escola. Pedro ocupa um lugar de superioridade quando lhe convém para conseguir o que quer dos pais. A situação reflete em pais confusos, que “não sabem” o que fazer com o filho que têm e sentem a urgência de fazer algo em prol dos filhos e das suas relações.

Discussão

Nos casos de Bia e Pedro, é a mãe quem busca o atendimento para os filhos, sendo esta uma das atitudes que responsabiliza a mãe na função de educá-los. Historicamente observando a evolução da mulher e do homem na sociedade, um dos aspectos que mais causaram mudanças foram os novos e diferentes papéis assumidos pela mulher, onde a questão da paternidade foi fortemente influenciada. Segundo Phillips (2000), a imagem antiquada tradicional do pai como quem põe limites, disciplinador, não se sustenta mais, atualmente. O novo modelo do homem-pai se baseia na construção de uma relação com os filhos de amizade e diálogo. Com isso, a mulher se responsabiliza em assumir as tarefas domésticas, excluindo os pais tanto da responsabilidade quanto do prazer de cuidar dos filhos (PAGGI & GUARESCHI, 2004, *apud* BOTTOLI, 2004). A análise dos casos também aponta para o fato de que os pais, às vezes, se sentem tão próximos dos filhos e às suas experiências que não conseguem diferenciar os próprios sentimentos dos deles (PHILLIPS, 2000). Rosa projeta na filha muitos sentimentos, onde ao falar da filha, está falando de si mesma. Os resultados indicam, também, um sentimento de culpa que permeia de forma muito forte e direta as relações pais e filhos, onde o “não dar limites” surge como uma compensação por algo que os pais fizeram ou não puderam fazer para e pelos filhos (BOTTOLI, 2004). No caso Pedro, fica nítido que este ocupa um lugar de superioridade quando lhe convém para conseguir o que quer dos pais. A situação reflete em pais confusos, que “não sabem” o que fazer com o filho que têm e que sentem a urgência de fazer algo em prol dos filhos e das suas relações. O sentimento de culpa surge também no conflito entre dedicar-se ao trabalho ou cuidar dos filhos, como se pôde observar no caso Rosa, a qual vive este conflito, e se culpa também por não ter paciência com as filhas e por preferir ficar sozinha. Para Zagury (1996), *apud* Bottoli (2004), a culpa também vem de um grande desejo de acertar e de ser bom, e que estaremos sendo ajudados a não sermos dominados por ela e

agirmos só em função dela. Relacionado a isso, percebe-se a tentativa dos pais de satisfazer os filhos, atitude que influencia a falta de limites. Segundo Piaget (1932) apud Macedo (2008), os limites situam a criança no espaço social. As regras são necessárias para o convívio social. Assim, há um deslocamento do lugar de quem sabe sobre a educação dos filhos, em que os pais agem com insegurança e submissão e este fato é refletido no comportamento dos filhos e os principais motivos de procura por atendimento em psicoterapia.

Conclusões

A autoridade dos pais na educação dos filhos é uma responsabilidade familiar que os pais têm como desafio elaborar a vivência que tiveram com os próprios pais. Esse desafio surge nos atendimentos de psicoterapia, em que os pacientes se percebem inseguros, desamparados, tentando agradar seus filhos como forma de impor limites. A criança que cresce sem limites, não tem em quem confiar, desenvolve precocemente um controle interno, falho e excessivo, que leva à depressão. Quanto aos pais, sugere-se que frente a um comportamento incorreto, se reflita e se busque uma solução através da relação com o filho, não adotando assim, nem práticas permissivas e nem autoritárias demais (PAGGI & GUARESCHI, 2004, *apud* BOTTOLI, 2004). A falta ou ausência de autoridade gera sofrimento, ao mesmo tempo em que as pessoas não sabem como lidar com isto. Essa dificuldade foi constatada e reflete em sentimentos de culpa, atitudes de submissão, relações horizontais entre pais e filhos, num entendimento de que a relação com os filhos, para os pais, é negociável, e isso faz com que, muitas vezes, eles não desempenhem o papel de pais, e isso acaba refletindo em problemas, tanto na escola, quanto dentro de casa, e em outros ambientes que o filho convive.

Referências

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes; FISCHMANN, Roseli (Org.). **Crianças e adolescentes: construindo uma cultura da tolerância**. São Paulo: EDUSP, 2001.

BOTTOLI, Cristiane. **O limite não está e o pai está?: a posição do pai no estabelecimento dos limites dos filhos**. 2004. 63 f. Monografia (Pós-graduação) - Universidade de Santa Cruz do Sul - Curso de Pós-graduação - Especialização em Desenvolvimento Infantil, 2004.

PHILLIPS, Asha. **Dizer não**: impor limites é importante para você e seu filho. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

MACEDO, Rosa Maria. **Terapia familiar no Brasil na última década**. São Paulo: Roca, 2008.